

**LEGADO**  
**LUCI**  
LEA BASSO GEDOZ

2020



**LEGADO**  
LUCI LEA BASSO GEDOZ



Texto: Valquíria Vita  
Diagramação: João Victor T. Martins, Marcelo Aramis  
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida  
Fotos: Arquivo pessoal  
Ano: 2020

[www.historiasdevida.com.br](http://www.historiasdevida.com.br)





---

**E**xiste um ditado árabe que diz o seguinte: “Os cães ladram e a caravana passa”. Ou seja, não importa o barulho dos cães, a caravana segue seu rumo. Indiferente. Inabalável.

Esse ditado, e tudo o que ele representa, é o lema da vida de Luci Basso Gedoz, que ela diz para quem quiser ouvir. “Não estou nem aí com o que os outros pensam de mim. Estou com a blusa avessa. Se alguma pessoa reparar, o problema é dela. Deixa os cachorros acoarem, eles não vão fazer nada mesmo.”

Luci nunca esperou (e não espera, mesmo hoje, aos 80) por ninguém para fazer as coisas. “Resolve como dá”, na hora que precisa ser resolvido, sem procrastinar problemas. “Não sou de fazer escândalo.” E não tem dificuldade alguma em tomar decisões sem pedir a opinião dos outros.

Foi assim quando cantou em público aos 12 anos, ao decidir se casar aos 18, lançar a própria marca aos 35, conhecer o mundo aos 50, começar a dormir sozinha aos 70. Essa história de independência e autoconfiança, de quem aprendeu “tudo sozinha”, começa em 1939.

## ***A família recebe Luci***

Luci Lea nasceu em Ana Rech, em 30 de novembro de 1939. Veio ao mundo em casa, com a ajuda de uma parteira, durante um período conturbado do mundo: apenas dois meses após o início da Segunda Guerra Mundial. O nome foi escolhido pelo pai, Albino Basso. “Em Ana Rech, existia uma família muito rica que tinha duas filhas: uma se chamava Luci e a outra Lea. Ele gostou dos nomes e juntou os dois.”

Quando Luci nasceu, a irmã, Leda, tinha três anos. E o irmão, Luiz, apenas um. O ano não era dos melhores em termos financeiros para a família: o pai estava desempregado e as costuras da mãe, Serafina, não dariam conta de sustentar uma família de cinco.

***“Muitas pessoas estavam  
sem trabalho nessa  
época pré-guerra.”***

A chegada de uma terceira criança motivou algumas mudanças. Para ajudar da forma que podia, a avó Albina Corso, mãe da mãe, levou a mais velha, Leda, para morar com ela em Flores da Cunha. O plano era que a menina ficasse lá “por uns tempos”, até que a família estivesse mais estabilizada financeiramente. Leda ficou com a avó até os 12 anos.

Luci e o irmão ficaram sob os cuidados dos pais. Serafina, mesmo com os filhos pequenos, costurava na cozinha da casa. “Teve uma época que ela chegou a ser a melhor costureira da cidade. Ela fazia vestidos de noiva e de festa. Naquele tempo, não tinha lojas, era tudo mandado fazer em costureira”, conta Luci. “Minha mãe era uma pessoa muito querida. Era trabalhadora, paciente, se dava com todo mundo, tinha facilidade para amizade. Não era uma mulher bonita, mas era querida. Ela não era vaidosa: nunca passava batom, arrumava o cabelo ou usava salto. Praticamente, passava seus dias em casa, trabalhando, e, aos domingos, ia na missa. Ao cinema, só ia quando passava filmes de santo. Ela era uma pessoa boa, foi uma mãe maravilhosa.”

A profissão do pai era, originalmente, serrador. Ele costumava trabalhar em engenhos de madeira. “Meu pai era um homem muito bonito, que gostava de gente importante e rica — mas nós sempre fomos pobres. Gostava de se relacionar com gente mais inteligente do que ele. Tinha um gosto por jogo de carta, poker, o que às vezes motivava algumas brigas entre o casal. Para mim, sempre foi um pai bom. Claro, dava uns croques quando precisava. Eu tive uma infância boa. O que me faltava?”

## ***Uma mudança e uma morte***

Quando tinha cinco anos, Luci e a família se mudaram para um engenho de corte de pinheiros, no interior de Vacaria. “Era maravilhoso morar no campo, silencioso. Foi a melhor época da minha vida. Tinha liberdade, tinha vaca, tinha porco, tinha galinha, tinha rio que passava atrás da casa. Era viver praticamente com a natureza.” A família morava em uma das dez casinhas de operários do engenho e, enquanto Albino trabalhava na serraria, Serafina costurava e Luci e Luiz brincavam ao ar livre.

A vida ia bem, até que o menino ficou doente. São poucas as recordações de Luci com o irmão, pois ele partiu cedo demais, aos seis anos de idade. “Lembro de poucas histórias com ele. Uma vez, no engenho, eu e ele pegamos um isqueiro e fizemos fogo no porão da casa. Meu pai que nos encontrou!”

Aos poucos, a saúde de Luiz foi ficando debilitada, devido a uma insuficiência cardíaca. A mãe o acompanhou no tratamento, em um hospital de Caxias, mas a medicina dos anos 40 não foi capaz de salvá-lo.

Em uma das vindas a Caxias, o médico disse à Serafina que o menino não tinha muitos dias de vida e que não precisava mais passar o tempo restante no hospital. Luiz estava na casa de Catarina, uma tia de Serafina, quando morreu, nos braços da mãe. “Eu só tinha cinco anos, não tinha noção do que era uma pessoa morrer.”

Na casinha do engenho, Luci e Luís costumavam

dividir o mesmo quarto e tinham um cofrinho em sociedade: toda vez que os donos do engenho apareciam, as crianças ganhavam um dinheirinho e guardavam no cofre. “Uma noite, naquela semana que ele morreu, a gente ouviu um barulho. Quando chegamos no quarto, o cofrinho estava no chão. Minha mãe achou que era um sinal para pegar esse dinheiro e rezar uma missa para ele. E fizemos isso,” conta. “Eu lembro que, depois que ele morreu, vinham as visitas, em todas as vezes, minha mãe chorava. Tem uma tia que dizia que ela não chorou, mas isso é mentira. Imagina, um filho morrer nos teus braços...

*Ela sempre lembrou que,  
naquele dia, ele pediu para  
comer macarrão e ela não fez.  
E naquela tarde, ele morreu.*

Depois disso, ela nunca mais conseguiu fazer macarrão pelo resto da vida, só massa, porque lembrar dele era sempre muito doloroso. Não lembro como a morte dele afetou meu pai, mas lembro que, para nos alegrar, ele comprou uma boneca para mim e um Bobby para a Leda. Foram as nossas primeiras bonecas.”

## ***Muito trabalho, pouca liberdade***

De alguma forma, a família conseguiu seguir a vida após aquele trágico acontecimento. Ao completar oito anos, Luci saiu do engenho para iniciar a catequese em Flores da Cunha, quando também foi matriculada no Colégio São José, das irmãs francesas. Como os pais continuaram em Vacaria, ela foi morar com a avó, que era viúva.

Ali ela dividiu, pela primeira vez, a casa (e um quarto) com a irmã mais velha. Duas meninas que, apesar de irmãs, pouco sabiam uma da outra, tiveram alguns atritos. "Foi nessa época que ela me atirou uma tesoura", lembra, mostrando a cicatriz que tem até hoje no braço. "Dividimos o mesmo quarto e, como nunca tínhamos vivido juntas, teve um choque." As duas tinham pouco em comum e quase não brincavam juntas. "Quando ganhamos as bonecas, ela pegou a dela e colocou numa caixa, tem até hoje. Eu gastei a minha, de tanto brincar."

Mas a vida, naquela idade, já não deixava muito tempo para brincadeiras. "Comecei a trabalhar aos oito e nunca mais parei," diz. "Eu ia para a escola de manhã e, à tarde, tinha que fazer várias coisas: levar café para os meus tios na pedreira, buscar água no poço, limpar a estrebaria e cuidar das vacas da minha avó, Estrela e Cutiara. Com o dinheiro do leite que elas davam, minha avó comprava pão, café... Eu nunca tinha tempo para brincar! Tinha que cuidar para elas não irem para a rua principal de Flores,

porque eles prendiam as vacas e multavam os donos. Muitas vezes, chorei correndo atrás daquelas vacas."

A noite era reservada para fazer os temas da escola. "Quando cheguei no colégio, já estava quase alfabetizada, quem tinha me ensinado tudo era a minha mãe. Fiquei só seis meses no primeiro ano e já me passaram para o segundo. Sempre tive notas boas na escola, as melhores redações era eu que fazia. Mas não era boa em matemática, sempre precisava ser ajudada por uma colega," conta. "Eu adorava ir para o colégio. A gente era pobre, não de passar fome, mas era pobre. Mesmo assim, meus pais conseguiram pagar escola particular para mim e para a Leda. Era uma época em que, muito raramente, alguém tinha sapatos. Eu ia para a aula de tamanco e meia. E quando chovia, usava um saco de aniagem na cabeça, porque também não tínhamos sombrinha. Nos dias de chuva, molhávamos muito aqueles tamancos e passávamos a aula toda com os pés encharcados. Eu vivia com dor de garganta. Uma vez, tive até pontada, lá pelos nove anos, e tive que ser internada em Caxias, onde tomei injeção de penicilina de três em três horas."

Os momentos de lazer, apesar de raros, também existiam. Mas eram sempre vigiados de perto pelos familiares. "Eu ia muito no cinema, no matinê de domingo ver o Roy Rogers. Meu tio era o porteiro do cinema, então, muitas vezes, eu ia sozinha. Um dia, na saída, tinha um cara que vendia rádios (único meio de comunicação da época), testando microfones. E ele chamava quem quisesse para



cantar. Eu fui cantar, em vez de ir direto para casa. Cantei *Adeus Sarita*. Minha avó me viu pela janela de casa, e até me deixou terminar, mas foi até lá e, quando acabei, me disse, em dialeto italiano: 'Quando chegar em casa tu vai ver!'", lembra. "Eu sempre quis ser livre. Eu sempre gostei de liberdade."

### ***Aprendendo a costurar. E a paquerar***

A vida mudou novamente para Luci quando os pais se mudaram para Flores da Cunha e deixaram o engenho após um acidente de trabalho com Albino. Ele havia cortado uma das mãos com a serra, o que o impossibilitou de realizar aquele serviço manual (e deixou uma grande cicatriz). Aposentou-se, tornando-se um dos primeiros beneficiados da lei de Getúlio Vargas, criador da legislação trabalhista. Com isso, Luci e Leda saíram da casa da avó e foram morar com os pais, que compraram dois terrenos na cidade com o dinheiro das suas economias. "Primeira vez que fomos morar em família, juntos."

Aos 13 anos, Luci aprendeu com a mãe o ofício que desempenharia por toda a vida, a costura. "Terminei o Ensino Primário, em segundo lugar na minha turma, e comecei a trabalhar com a minha mãe. Ela tentava me ensinar o corte e eu não conseguia aprender bem, porque era tudo fracionado e eu não tinha conseguido aprender frações na escola."

Na nova casa, apesar de o pai estar aposentado,

a divisão de trabalho era feita apenas entre as três mulheres: Serafina costurava, Leda e Luci se revezavam semanalmente entre cozinhar e limpar. “Com 14 anos, eu já sabia cozinhar o básico no fogão à lenha. Minha mãe fazia escambo com as colonas: trocava costuras por galinha, leite, queijo e vinho para a família. Pão e massa fazíamos em casa.”

Ser costureira como a mãe não era algo que estava em seus planos. “Eu queria ser professora. Quando eu tinha 15 anos, fiz concurso na prefeitura para dar aula no interior. Precisei fazer reforço de matemática, mas passei em segundo lugar. No meu primeiro ano como profe, fui dar aula em Nova Roma. Ia a pé até a escola, demorava uma hora para chegar. Mas naquele ano, já tínhamos guarda-chuva”, diz. “Nessa fase, eu estava apaixonada pelo playboy da cidade, melhor não dizer o nome, era um riquinho, outra classe social, bom tipo. Era só uma paixonite, uma paquera de longe. Naquela época, ainda não pensava em ter filhos no futuro. Mas pensava em casar.

***Eu me achava bonita. Sabia que não era a mais bonita, mas não fazia feio.”***

Aos 15, também foi convidada para ser madrinha do time de futebol São Luiz, de Flores da Cunha. E naquela

época, também fazatro. Mas o que sonhava mesmo era em frequentar os bailes realizados nos clubes. Porém, era difícil conseguir autorização da mãe para isso. “Morria de vontade de ir em festas.” O lazer se resumia aos encontros com amigas (nunca amigos) na praça de Flores da Cunha, cinema nos domingos à noite (com amigas ou com a irmã, nunca com rapazes). “Era tudo de dia, não era permitido fazer nada à noite. Parece que de noite todo mundo ‘acocava.’”

Com muito esforço, conseguiu convencer a mãe a deixá-la ir para Caxias com uma tia num sábado. “Eu queria aventuras, sempre fui de aventuras... Queria ser para frente, queria agitar. E naquele tempo, agitar era vir para Caxias, ver futebol, ir nas festas de colônia...”

Naquele dia que mudaria o rumo da sua vida para sempre, ela assistiu um programa da Rádio Caxias durante a manhã (o rádio, naquela década, tinha auditório no estúdio). Depois do almoço, foi com o tio para o estádio Alfredo Jaconi. “E do meu lado esquerdo sentou um rapaz que eu não conhecia. Um rapaz normal, não servia para bonito nem para feio. Começamos a conversar. Eu puxei papo, ele não puxou, imagina! Ai fiquei sabendo que ele era o filho da dona da pensão onde a minha tia Maria morava. O nome dele era Domingos Gedoz.”

## ***A história rima***

Naquela partida, Luci, que estava com 16 anos e Domingos, com 18, não prestaram atenção a um minuto sequer do que se passou em campo. Ficaram o jogo inteiro conversando. “Futebol, aquele dia, eu não vi. Falamos do que eu gostava, o que não gostava, ele contou que trabalhava na Metalúrgica Eberle desde os 14 e que a tia Maria já tinha falado de mim. Ela me disse, anos mais tarde, que sempre achou que eu ia casar com ele.”

No fim da tarde, quando chegou a hora de pegar o ônibus de volta a Flores da Cunha, o tio disse: “Vai com o Mingo, tu está bem acompanhada”. E logo que saíram para a rua em frente ao estádio (“sem calçamento, puro barro”),

***Luci, no auge da sua coragem dos 16 anos de idade, pegou na mão dele.***

“Ali, ele já estava entregue, já estava apaixonado. Eu? Estava afim de uma aventurinha”, relembra. “Ele ficou meio assustado quando eu fiz isso, mas ele segurou a minha mão até a minha tia chegar. Quando ela se aproximou, largamos. Eu nunca tinha pegado na mão de ninguém antes. Nos despedimos, sem beijos e abraços, e ele disse: ‘A gente vai se ver’. E fomos para casa com a promessa de

se escrever. Fiquei pensando muito nele depois disso, foi uma coisa diferente. Quando a minha tia me deixou em casa, já entregou: 'A Luci já se arrumou um namorado em Caxias'. E a minha mãe: 'Nem pensar, ela é muito nova.'"

A primeira das cartinhas, quem enviou, foi ela. E o assunto "muito nova para namorar", foi, inclusive, tema da carta resposta de Domingos (que morava em Caxias). Em uma correspondência com data de 20 de novembro de 1954 (guardada até hoje), ele escreve que: "Você me disse que um ano passa depressa, mas eu acho que não. Se for impossível, posso esperar."

Não precisou esperar. Serafina foi convencida pela tia Maria a deixar que o namoro acontecesse, com a justificativa de que Domingos era bom moço e de boa família. "E então eu e ele combinamos, por bilhete levado pela tia, que ele viria para Flores num domingo à uma da tarde. Fiquei de encontrá-lo na praça, a duas quadras da minha casa. Me arrumei toda. Cheguei lá, vi como ele estava vestido, coloquei a mão na cintura e disse: 'Por que tu veio com essa camisa amarela?' Era xadrez com preto. Ele ficou sem jeito. Logo começamos a conversar em um dos bancos da praça. Naquele dia, apresentei ele para a minha mãe e para meu pai: 'Esse aqui é o Gedoz, que eu conheci em Caxias'. Meu pai, mais tarde em casa, me disse: 'Te livre dessa salmoura'".

Mas paixão a gente não escolhe (nem ouve a opinião dos pais). E Luci começou a esperar a visita do namorado todos os finais de semana a partir daquele dia.

Namoraram por três anos. “A gente ia no cinema de tarde, lia revista, sentava perto do fogão à lenha, conversava, se beijava — mas nunca na rua, nunca fui desse tipo de pessoa. Podíamos ficar sozinhos namorando na sala da minha casa, mas só até as dez da noite, quando a minha mãe batia na parede de madeira avisando que estava na hora de ir embora.

A situação financeira da família estava melhor, pois o pai havia aberto uma banca de revistas na praça. “A banca deu certo. E ele fez muitos amigos importantes.” Mesmo assim, Luci não via a hora de sair de casa. “Eu brigava com minha irmã, os meus pais brigavam por causa do carteadado, onde meu pai perdia, muitas vezes, o dinheiro que ganhava na banca. Era um ambiente de onde eu queria sair e, nos anos 50, não existia sair se não fosse casando.”

Dizem que a história não se repete. Mas que ela rima. E a de Luci fez isso. “O Mingo, como o meu pai, gostava de fumar e era botequeiro”, conta. “Mas ele era um gatão. E ficava bonitinho até fumando. Eu até experimentei, mas nunca consegui fumar.”

Diferente de Luci, Domingos não tinha a menor vontade de ir a bailes e festas. Sua rotina o satisfazia, trabalhando durante a semana e namorando aos sábados. “O que eu mais sinto na minha vida é nunca ter ido num baile. Primeiro, a minha mãe não deixava eu ir sem a minha irmã, e ela queria ficar em casa. Quando comecei a namorar, minha mãe dizia: ‘Tu tem namorado, se quer ir,

tem que ir com ele'. E ele dizia: 'Eu não danço'. Aí já estava enterrado meu sonho de dançar."

Quando o assunto casamento surgiu, ele avisou: "Não tenho condições de alugar uma casa. Quando nos casarmos, vamos morar com a minha mãe." Luci queria tanto sair de Flores que ignorou o fato de que teria que morar com a sogra, e aceitou a proposta. "A moradia, junto com meus sogros, na Rua Sarmento Leite, era o verdadeiro cortiço. Mas a minha vontade de vir para Caxias era maior. Foi um mau negócio, mas é tudo experiência, tudo a gente aprende na vida."

### ***Bolo de coração no hotel Bela Vista***

O noivado aconteceu no dia de Natal de 1957, data que ficou gravada nas alianças. Os pais de Domingos, Florentino e Clementina, foram a Flores, onde presenciaram o filho pedindo a mão de Luci em casamento antes da ceia. A data foi marcada para um pouco mais de um ano depois: 3 de janeiro de 1959.

Leda quis fazer o vestido, inspirada em um modelo que viu numa revista. "Eu achei o vestido lindo, me achei uma noiva linda! Ela costurou as mangas de renda no meu próprio corpo. Eu pesava só 54 quilos."

Foi o noivo que pagou pelos custos do vestido, após anos de economia. Três dias antes da celebração, ele havia ido buscar as coisas de Luci para a mudança a

Caxias de caminhonete. Foi ele também que comprou os móveis Florense do quarto que o casal ocuparia na casa da sogra. "Eu entrei só com meu corpo e minhas coisas."

O casamento foi à tarde, na igreja Nossa Senhora de Lourdes, em Flores da Cunha, onde Serafina tinha casado 23 anos antes. E a noiva não usou salto, porque já era da altura do noivo. "Imagina o noivo lá no altar... apaixonado como ele estava. Eu, não sei. Eu ia levando. Se eu era apaixonada, eu não sabia", diz. "Foi uma festa para 100 pessoas. Meu pai convidou só os amigos ricos dele, porque era ele que ia pagar a festa. Só pude convidar uma amiga, minha vizinha, mas ela tinha casado um sábado antes, então, não veio no casamento. A festa no salão da igreja foi linda, bastante gente, eu estava feliz. Não tinha música e banda. Mas tinha até peru."

Por volta das dez da noite, os noivos deixaram a festa para a lua de mel, no Bela Vista Parque Hotel, em Ana Rech. "Deixei meu vestido de noiva e coloquei um vestido cor laranja terra. Fomos para Ana Rech de carona com um primo do meu pai, que era o dono do hotel. Levamos a metade da torta do casamento, em formato de coração. Eu não estava nervosa, nunca fui nervosa. Havia sido instruída pela minha mãe em matéria de sexo. Eu sabia o que era casar, o que era engravidar.

***Mas nunca tinha tido nada de íntimo antes."***



O casal, que tinha sete dias pagos no Bela Vista, ficou apenas cinco. “Vamos embora”, dizia Domingos, que casou durante as férias do trabalho da Eberle e “queria aproveitar”. “Eu também queria ir logo para Caxias, conhecer a cidade, desfrutar, passear na praça, fazer compras. Era o que eu queria: sair de casa, ter minha própria vida, ter liberdade. Mas ter liberdade custa caro. Aprendi isso bem cedo.”



Casamento dos pais, Albino e Serafina, em 1936.



No engenho onde a família morou, nos anos 40.



Com a irmã, na primeira comunhão | Na adolescência, com Leda | Aos 15 anos de idade.





Com Domingos, no início do namoro. Ao fundo, torre da igreja de Flores (à esq.) | Com a mãe e a irmã, na juventude | Na época de namoro, vestindo uma saia inspirada no filme do momento, *A Princesa e o Plebeu* | Na casa dos pais, em Flores da Cunha.



Acompanhada pelo pai, a caminho do altar.



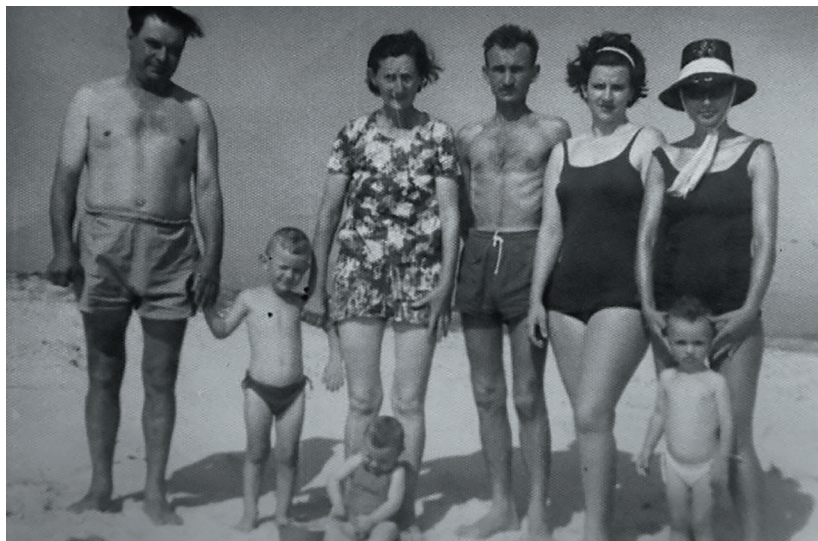
Casamento: metade do bolo, de coração,  
foi levada para a lua de mel.





No parquinho, grávida de Daniéle, com Luiz, Jaque e Luciana.





Praia de Areias Brancas, nos anos 60.



Alguns anos depois, na mesma praia.



Os seis filhos: Danièle, Luciana, André, Jaqueline, Luiz e Gabriela (acima) | Com o marido, nos anos 80 | Na primeira feira que participou com a marca LG, nos Pavilhões.



Com toda a família.



Quando os pais celebraram 50 anos de casados | Aos 65 anos |  
Na excursão para a Itália, quando passou quase um mês na Europa.





Em Caxias do Sul, no inverno | Com o marido, em viagem ao Rio | Em Copacabana | Ao conhecer todo o Nordeste de ônibus.



Em uma das idas a Nova Iorque.



Comemorando os 80 anos, em 2019: com o marido e seis filhos, com a irmã e com a família quase completa.







## ***A rotina se ajusta à vida de casado***

A realidade é que a vida na casa dos sogros foi um pouco diferente da liberdade idealizada pela jovem Luci. A família fazia as refeições reunida (além dos pais de Domingos, também dividiam a casa a cunhada, Laura, e o sobrinho, Paulo). Era a sogra que cozinhava, enquanto a limpeza da casa ficava com Luci. “Ela colocava até a chimia em cima do pão do Mingo.” Todos os gastos eram atentamente controlados por Clementina, “uma boa pessoa, mas que gostava muito de fazer economia para o futuro”, como define a nora. “Banho, era de bacia. À noite, como não tínhamos TV, eu lia no quarto, e ela batia na parede, dizendo: ‘tá gastando luz!’”

Domingos sempre gostou de dormir cedo, para acordar igualmente cedo para o trabalho no dia seguinte. Nas horas livres, ele frequentava o bar do bairro. “A gente não brigava por causa disso. Eu dizia, ‘vai e pronto’. Nós nos dávamos bem.”

Em uma noite tranquila de sono — em uma época de poucas opções de lazer, dormir era uma das únicas atividades — um susto: Luci acordou com uma forte hemorragia. A quantidade de sangue na cama e roupas impressionou a sogra, que a levou ao hospital. Havia sofrido um aborto. Ao contar ao marido, se abraçaram e choraram ao assimilar a notícia do fim de uma gravidez que nem sabiam que estavam tendo.

### ***Um filho, dois, três, quatro, cinco... e ops! Seis!***

Pouco tempo depois, Luci ficou grávida novamente. Mas, dessa vez, tudo correu bem. “Foi uma gravidez planejada, de comum acordo. Já queríamos ter um filho. Eu tinha 19 anos.”

Para ter mais tranquilidade no dia do primeiro parto, Luci quis que ele acontecesse na cidade dos pais. No dia 23 de dezembro de 1959, o casal foi a Flores, onde Serafina e Albino esperavam ansiosamente a chegada do neto, e a irmã, Leda, havia costurado o enxoval. Um dia depois do Natal, o bebê nasceu.

Domingos, que naquele sábado comemorava 22 anos de idade, acompanhou o parto na sala de cirurgia. Ganhava de presente de aniversário, além de um primeiro filho, uma criança com o nome igual ao seu.

***“O nome que eu tinha escolhido era Rogério, mas as freiras do hospital sugeriram colocar o nome do pai.”***

Eu disse que tudo bem, mas que colocaria Luiz como segundo nome, que era o nome do meu irmão”, lembra. “Nós ficamos muito felizes quando ele nasceu. Passamos

10 dias em Flores da Cunha e voltamos para casa de carro de aluguel. Nem eu nem o Mingo dirigíamos.”

Dias antes do nascimento do primogênito, o casal havia comprado os dois terrenos da família no bairro Panazzolo, próximo da casa dos pais de Domingos. Davam ali um grande passo em busca da tão planejada liberdade, que até então não tinham experimentado. Mas a região não era uma área valorizada como se tornaria décadas mais tarde. “Era um potreiro, uma rua onde passavam as carroças e as vacas”, diz. “Compramos pensando em construir uma casa mais adiante.”

Eles seguiram economizando e Luci até chegou a voltar a dar aula. Mas ficou grávida novamente e, incentivada pelo marido, largou o magistério para concentrar-se nas costuras e no dois filhos pequenos. Jaqueline, a primeira filha do casal, nascida em 1962, foi nomeada em homenagem ao ícone fashion da época, Jackie Kennedy.

Quando Jaqueline tinha apenas 40 dias, Luci e Domingos saíram da casa dos sogros e se mudaram para uma casa, no segundo andar, na Rua Bento Gonçalves, junto com Leda. “Era um ambiente melhor para ter acesso às clientes de costura.”

Poucos meses depois, Luci engravidou de mais uma menina: “Luciana, Luciana. Sorriso de menina. Dos olhos de mar”, dizia a música que inspirou o nome da mais nova filha, em 1963. “A Luciana veio com pressa”, conta Luci. “Como os outros tinham demorado para nascer, eu havia

dito que dessa vez só ia para o hospital na última hora. A bolsa rompeu às 23h30, ela nasceu à meia noite. Subimos o morro do hospital de Flores quase correndo, eu na frente, minha mãe atrás carregando a mala.”

Não dar trabalho para os outros sempre foi uma preocupação de Luci, que, mesmo com uma recém-nascida e outros dois filhos pequenos, decidiu voltar logo a Caxias para não incomodar os pais: sozinha com os três.

Quando Leda se casou com Rubens, Luci, Domingos e as crianças deixaram a casa na Bento e voltaram a morar na casa dos Gedoz. “As crianças foram crescendo. Não tinha nem trânsito na rua, ônibus era só na Júlio de Castilhos, no Centro de Caxias. Eu levava eles para o Parque dos Macaquinhos aos domingos (quando tinha macaquinhos), lia livros de historinhas, eles brincavam entre eles.”

Em 1966, nasceu mais uma filha: Daniéle Helena. E quando ela tinha pouco mais de um ano, a família finalmente pode se mudar para uma casa só deles, construída no terreno comprado anos antes. “Foi maravilhoso ter a minha casa.

***Pela primeira vez na vida,  
eu tinha o meu lugar.”***

Naquela década, quase não se via carros na Silveira Martins, rua da nova casa. O caminhão de gás passava

apenas uma vez por semana e o leite vinha do leiteiro da rua. Luiz, o filho mais velho, ia sozinho buscar o pão às 6h da manhã no único armazém do bairro, que ficava na Tronca. Luci fazia almoço e jantar para toda a família, inclusive Domingos, que vinha para casa só para almoçar, todos os dias. Na ida a pé para a Maesa, deixava os filhos no Abramo Eberle, escola onde quase todos do bairro estudavam. Luci fazia o rancho do mês na Fundação do Eberle, despesa que era descontada diretamente na folha de pagamento de Domingos. Os ranchos mensais eram sempre feitos às 11h da manhã, pois Luci não podia se dar ao luxo de perder uma manhã toda de costuras para isso.

***“O Mingo focava em trabalhar para o sustento da família. Eu trabalhava também, mas 90% da parte de cuidar dos filhos ficou comigo.*”**

Essa responsabilidade foi minha. Fui criada com a frase de que a mulher é as três paredes de uma casa. E que não devia incomodar o marido,” conta. “Durante a semana, todos iam dormir às 11h da noite, e eu ia costurar. E eu me lembro de pensar: ‘Um dia, eu ainda vou ir dormir a hora que eu quiser’. Mas quando esse dia chegou, eu já estava velha. Hoje, que eu posso ir

dormir a hora que quero, me acordo às 2h30 da manhã, sem sono."

Após três meninas na sequência, em 1971, o casal ganhou mais um menino: André Felipe. "Era muito filho, mas o que vamos fazer?", relembra Luci. "Depois do quinto filho, comecei a tomar a pílula. Mas acho que era uma pílula de farinha, pois não funcionou. Fiquei grávida mais uma vez."

Em 1975, nasceu a caçula, Gabriela. Inspirada na novela *Gabriela Cravo e Canela*, foi a única que veio de cesariana, após cinco partos normais. Depois dela ("seis já estava mais do que bom"), Luci fez uma ligadura.

### ***Entre costuras e praias***

Apesar de todos os filhos terem sido saudáveis e, na medida do possível, comportados ("o André foi o que mais aprontou, caía no esgoto e cutucava os cachorros da vizinha até ser mordido"), Luci diz que criar seis crianças foi muito trabalhoso. "Costurar, fazer comida e limpeza sem ajuda de uma empregada, e mais cuidar de todos esses filhos... não foi fácil. Mas nunca perdi o sono por causa deles, só quando ficavam doentes. Cansei de ir buscar táxi a pé na Praça Dante (único lugar que tinha táxi), à noite, para ir para o hospital quando um deles estava mal."

Mesmo levando uma vida simples, a família não abria mão de tirar férias na praia todos os verões. "Nós íamos no Aero Willys bege do meu pai, que era grande

e comportava todo mundo. Demorava um dia todo para chegar em Areias Brancas pela Serra do Pinto. Parávamos na estrada, em Três Forquilhas, para fazer piquenique no almoço, com salame, queijo, vinho e franguinho. Alugávamos casas bem simples para poder ficar duas semanas."

Os negócios de Luci começaram a melhorar. Em 1984 ("o mesmo ano que chegou telefone na rua"), ela construiu "uma pecinha", como chama, atrás da casa, especialmente para se dedicar às costuras. Nascia oficialmente a LG Moda Feminina. "Era um lugar que, no verão era super quente e no inverno, super frio." Por um tempo, ela se dedicou às roupas infantis de festa, e criou ali uma clientela muito especial. Mais tarde, deixou de lado as roupas de crianças e começou a fazer peças femininas, principalmente camisas. "Sempre trabalhei com moda clássica. Nunca fiz trapinho."

Nos anos 80, com todos os filhos já frequentando escola ou faculdade, começou a ganhar mais visibilidade (e dinheiro). Participou de desfiles e feiras, que fizeram com que a LG ficasse cada vez mais conhecida, e especializou-se em casacos de lã bordados e casacos acolchoados. "Até hoje algumas clientes vêm aqui com roupas de lã de 30 anos atrás."

A filha Luciana, a única que seguiu o caminho da costura, começou a trabalhar com ela, e a LG chegou a ter outras três costureiras: a tia, Maria, as amigas, Dalva e, mais tarde, Cacilda.

Para comemorar o aniversário de 50 anos de Luci (em 1989), a amiga, Ali Chaves, organizou "um chá com algumas madames do centro, até com a mulher do prefeito", com desfile das roupas LG. "O desfile foi muito elogiado e também me trouxe mais clientes, que continuaram, por muitos anos, comprando roupa comigo." Nesse evento, com modelos contratadas, a presença mais jovem da festa era de Valquíria, primeira neta de Luci, filha de Jaqueline, nascida dois anos antes.

Naquele fim dos anos 80, a família "pegou gosto pelas praias de Santa Catarina" e veraneou, por três anos seguintes, em Garopaba. Além das viagens de férias, Luci também ia a São Paulo, todos os anos, nas feiras de tecidos, quando se hospedava na casa da amiga Ivone Zattera. Em algumas dessas viagens, levou as filhas.

As décadas de 80 e 90 foram muito boas para os negócios. "Eu costurava o que me pediam. Fiz até roupa para o circo Orlando Orfei e peças que foram para a Itália, Estados Unidos, Chile..." Com o dinheiro das costuras na LG, Luci conseguiu pagar a faculdade de alguns filhos e comprar alguns terrenos. Foi uma mãe que sempre fez tudo o que pode por eles. Na adolescência de Jaqueline e Luciana, chegou a ir com elas em uma das boates do Guarany, pois Domingos não deixava que elas fossem desacompanhadas de um adulto. Luci ficou sentada a noite inteira esperando as meninas.

Como tinha um certo dinheiro guardado, nos anos



90 pode enfim, fazer algo por ela própria: viajar. Nunca tinha saído do país. Até 1991, quando um mundo de possibilidades se abriu.

## *E a vida nunca mais foi a mesma depois de vê-lo.*

### ***Aventuras em 10 países***

A vontade de viajar sempre esteve lá. Desde que Luci era uma adolescente que não se contentava com a vida de Flores da Cunha e sonhava com aventuras em Caxias. Mas as coisas aconteceram tão rápido — e tão intensamente — que havia sido difícil nas décadas anteriores pensar em outra coisa que não fosse os seis filhos, o trabalho ou o marido. Nos anos 90, no entanto, muito havia mudado: os filhos já estavam bem encaminhados, o negócio ia bem (e tinha funcionárias) e Domingos, após 33 anos, três meses e três dias de trabalho na Eberle, estava aposentado. “Então eu finalmente pude viajar.”

O incentivo veio de uma cliente dona de uma agência de viagens. “Um dia, eu disse brincando para ela: ‘Quando tu vai para a Europa de novo? Põe meu nome na lista!’ Ela disse que estava organizando uma excursão para agosto. Passou um tempo dessa nossa conversa e ela apareceu na loja, dizendo que estava vindo buscar meu passaporte

para a viagem, que aconteceria em três meses. 'Que viagem?', eu perguntei. 'Tu não disse que queria ir para a Europa? Aproveita que tem uma vaga', ela respondeu. Comprei o pacote."

Aos 51 anos de idade, Luci embarcou sozinha em uma excursão de 29 dias para sete países da Europa. "Paguei extra para ficar em quartos de hotel sozinha. Era a primeira vez que ficava sozinha em um quarto na minha vida. Acordava cedo e passeava o dia todo. Foi maravilhoso. Saí de casa com tudo pago e sete mil dólares. Voltei com dois mil."

Os dólares foram bem investidos em passeios, compras e refeições nas cidades da Espanha, Itália, França, Áustria, Alemanha, Suíça e Portugal. "Na Suíça, comi o famoso fondue. Na França, fiquei impressionada com o Arco do Triunfo e com o Museu do Louvre. Passeei de barco no rio Sena à noite e visitei o Moulin Rouge, lindíssimo. Na Alemanha, fomos numa casa de chopp com jarros enormes onde serviam linguças gigantes. Adorei conhecer o parque onde fizeram as Olimpíadas, com uma gigante piscina e um campo de futebol coberto e aquecido. Na Espanha, assistimos a um espetáculo de dança flamenca e visitamos uma igreja de quase mil anos. Na Áustria, conhecemos castelos, e à noite, vimos apresentações de valsas. Na Suíça, vi o Lago dos 4 Cantões e visitamos a fábrica da Rolex. Em Portugal, eu paguei a comida mais cara que se tem notícias. Ao som de fado ao vivo, eu comi lula

com arroz, que me custou 80 dólares.”

Luci aproveitou aquele mês de verão na Europa como nunca havia aproveitado algo na vida. Voltou cheia de histórias para contar, recordações emocionantes, perfumes de Paris e chocolates europeus para ela, relógios para os filhos e canivetes suíços para os genros e marido. “Na viagem, eu sentia muito não ter minha família junto. Quando estava na Praça da Concórdia, em Paris, bateu uma saudade, mas eu ia em frente. Deu tudo certo. E foi muito, muito, muito bom. Me dei de presente esse passeio.

## *Finalmente eu fiz aquilo que eu quis.”*

Após a primeira experiência de viagem, Luci convenceu o marido a acompanhá-la na próxima, um destino local. Em 1992, os dois conheceram Porto Seguro. “Aproveitamos as praias e ficamos num hotel ótimo. No ano seguinte, fomos para o Rio de Janeiro. Fizemos passeios de barco. À noite, comíamos bacalhau no restaurante português perto do hotel. O Mingo se divertiu um monte. No outro ano, fizemos o ‘Nordestão’. Chegamos em Fortaleza, descemos de ônibus para Rio Grande do Norte, Alagoas (com as praias mais lindas), Aracaju, Pernambuco, Bahia.”

Em 1994, ela fez mais uma viagem internacional sozinha, dessa vez para Canadá e Estados Unidos. “Eu

adorei o Canadá, especialmente a parte francesa. Fiz um passeio de barco nas Cataratas do Niágara, que ainda tenho a capa de plástico. Conheci jardins de flores exóticas, onde vi rosas pretas pela primeira vez, e flores carnívoras. Nos hospedamos no Castelo Frontenac”, lembra. “Em Nova Iorque, ficamos bem no centro de Manhattan, pertinho da Quinta Avenida. Fui assistir Cats, na Broadway. Em alguns museus eu ia até sozinha, pegava um táxi e mostrava o endereço que queria ir e ele me deixava na frente. Não falava nada de inglês, então, na hora de pagar, dava as moedinhas para ele tirar as que precisava para a corrida. Eu não perdia nada! E não queria saber de McDonald’s. Só queria comida diferente e comida boa.”

Ela gostou tanto de Nova Iorque que voltou, dois anos depois. Passou uma semana inteira na cidade. Na segunda experiência, teve a chance de fazer tudo o que não tinha dado tempo na primeira visita: conheceu alguns dos museus e a estátua da liberdade. “Fiz passeio de charrete no Central Park, assisti o Fantasma da Ópera e A Bela e a Fera na Broadway. Não só viajei muito, como aproveitei muito. Eu só ficava no hotel para tomar banho e dormir.”

Das viagens aos Estados Unidos ela também voltou cheia de presentes para a família, que agora estava ainda maior, após o nascimento de mais duas netas: Valéria (filha de Jacqueline), em 1991, e Bruna (filha de Luciana), em 1992.

## ***O cavalo encilhado***

Dos anos 2000 em diante, as viagens foram destinadas a praias de Santa Catarina com as filhas, Rio Quente com as amigas, e várias idas ao Ceará, para visitar o filho André, o único que foi morar fora de Caxias (e deu a ela o neto Murilo, em 2008). Murilo foi o segundo neto menino. Antes dele, em 1998, veio Eduardo (filho de Luciana).

Luci se aposentou, mas seguiu trabalhando. “Bastante”, como diz, até 2010. Parou de fazer roupas sob medida, cansada após décadas mantendo a paciência com clientes exigentes, para dedicar-se apenas aos consertos de roupas.

Por volta desse ano, também tomou outra grande decisão: trocou de quarto para dormir sozinha. “O Mingo gosta de dormir com luz e eu preciso de escuro total. Quando fiz uma cirurgia no joelho e precisei ficar mais tempo na cama, aproveitei e comecei dormir sozinha. Ele ficou emburrado uns dois meses, mas passou, e hoje ele me convida para ver televisão com ele no quarto. Ficou tudo certo. À noite, ele assiste futebol, eu leio meus livros.”

A rotina ainda é bem agitada, apesar de menos horas diárias de trabalho. “Pelo menos quatro horas por dia, estou na costura.” A loja nunca está vazia. Luci, querida por muitos, recebe amigas e clientes, além da família, todos os dias.

Desde 2012, tem a presença da neta mais nova, Alice (filha de Gabriela), uma visita frequente e (sempre) alegre.

Amigas antigas, que começaram como clientes, também visitam, como Clari Paganin. Além das vizinhas e melhores amigas, Inelves e Claudete, da sobrinha (filha de Leda), Ana Lúcia e da amiga, Ana Boeira. Espera a todas sempre com o café passado. À noite, lê (tem uma pequena biblioteca em seu quarto) e assiste TV. "Sempre apreciei um bom filme. Com conteúdo, nada de bobajrada."

Mais do que trabalhar e de fazer comida todos os dias, faz questão de cuidar da saúde. Depois de 38 anos de hidroginástica no Pranadar, trocou a atividade pela musculação. O passar dos anos a levou a fazer oito cirurgias, em diversas partes do corpo. "Para colocar umas peças novas no carro velho", brinca. "Eu aceito as mudanças do corpo como algo normal, não tenho vergonha de dizer que tenho 80 anos, vejo isso como algo muito positivo. Tem que aceitar a velhice, não adianta. Depois de lavar a louça do almoço, gosto de sentar lá fora, com um copinho de vinho.

***Fico pensando como sou uma pessoa feliz, tenho os filhos todos saudáveis, eu e meu marido somos saudáveis, apesar da idade."***

Luci nunca foi adepta ao drama e às reclamações. Quando a mãe faleceu, em 1990, e o pai, em 1997, ficou triste, mas aceitou com naturalidade. Hoje, os dois estão enterrados em Flores da Cunha, junto com o irmão que faleceu nos anos 40.

Em 2004, ano do casamento da última filha, Gabriela, um acidente desestabilizou a família, mas não Luci. A filha Daniéle se envolveu em um acidente de carro e quase morreu. Luci não chorou quando o telefone tocou naquela noite avisando que a filha estava no hospital. Mas não conseguiu segurar as lágrimas quando a viu chegando de maca, coberta de sangue. "Daí eu pensei: 'Por que desabar agora? Não vai adiantar nada.'" Daniéle ficou internada na UTI por vários dias. Quem a visitava, dizia: "A Dani não vai sair dessa". Apenas Luci mantinha as esperanças: "Vai sair sim, daqui a pouco ela vai estar boa."

Daniéle saiu do hospital, recuperada (e morou por dois meses com a mãe). Hoje, ela comemora dois aniversários por ano: quando nasceu e quando reviveu. "A nossa família é normal como todas as outras, teve problemas e teve alegrias. Mas cada um resolve as suas questões. Ensinei eles a serem independentes, a resolverem seus próprios problemas, porque eu sempre fui assim. Ninguém foi obrigado a casar, mas sempre avisei: 'Ninguém volta'. Eu sou sempre muito sincera com as pessoas. Não guardo para mim as coisas que quero dizer para os outros."

Todos os dias, ao levantar, Luci agradece a Deus pelo novo dia. "E agradeço pela família que eu tenho e pela

vida que tive. Eu acho que eu fiz tudo o que eu queria fazer na vida. Não foi uma vida toda boa, mas teve muitas coisas boas, é só ver essa biografia. Eu aproveitei todas as oportunidades. Todas as vezes que o cavalo encilhado passou, eu montei. E todas as vezes que 'os cachorros latiram', eu não dei bola."





***Nota da Entrevistada***

*Quero agradecer à minha neta Valquíria por ter feito a minha biografia. Jamais pensei que seria biografada de uma forma tão bem escrita. Agradeço pelas muitas horas de entrevista, por ter me ouvido com paciência e carinho. Desejo sucesso com a nova empresa, Legado, dentro da já bem conceituada TXT. Muito, mas muito obrigada. De coração.*

***Luci Lea Basso Gedoz***

***Nota da Entrevistadora***

*As quase 10 horas de entrevista, espaçadas em cinco encontros, foram momentos de prazer, não trabalho. Em todos os meus anos como repórter, nunca havia entrevistado alguém com tamanha memória e capacidade de descrição de detalhes. Foi emocionante ouvir a história de minha avó, quase como assistir de camarote a um longo filme.*

***Valquíria Vita***





